

Resenha sobre os “Poèmes complets” de Nietzsche

Book review of Nietzsche “Poèmes complets”

Danilo Bilate*

NIETZSCHE, Friedrich. *Poèmes complets*. Organização, tradução, introdução e notas de Guillaume Métayer. Paris: Les belles lettres, 2019.

Der Dichter, der lügen kann
wissentlich, willentlich
Der kann allein Wahrheit reden

(„Die Bösen liebend“, 28[20] Herbst 1884).¹

Devemos à Guillaume Métayer, germanista e tradutor francês, a publicação de todos os poemas nietzschianos em um só volume, pela primeira vez em qualquer língua, inclusive na alemã. Feito extraordinário para o qual chama justa e constantemente a atenção o próprio tradutor, em sua detalhada e erudita introdução. Para uma rápida apresentação de Métayer aos leitores nietzschianos, basta dizer que ele publicou, além de muitos artigos sobre o filósofo-poeta alemão,² o excelente *Nietzsche et Voltaire* (Flammarion, 2011), cuja menção vale também para lembrar que o poeta em questão segue uma tradição de difíceis identificação e designação – classicismo, humanismo? – que sabe da importância de explorar as diferentes formas de exposição, os diferentes tipos de escrita, os variados estilos, tradição onde se insere também o filósofo-poeta francês de um século antes.³

Trata-se de uma edição bilíngue, que facilita o acesso ao original, bem como à competente tradução francesa, pelo leitor interessado em vasculhar os versos alemães do poeta Nietzsche – excetuando-se aí, pois, os poucos poemas redigidos por ele em línguas

* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da UFRRJ. Atualmente é pós-doutorando na Université de Paris 1 – Panthéon-Sorbonne, bolsista CAPES. Contato: danielobilate@ufrj.br

¹ Proponho: “O poeta, que mentir pode / sabendo, querendo / dizer a verdade só ele pode”.

² Alguns dos quais traduzidos por mim para o português, a saber: “A república dos gênios” nos *Cadernos Nietzsche* (v.39, n.2) e “Uma gaia ciência pessimista” na *Enunciação* (v.2, n.2), ambas em 2017.

³ Permito-me aqui, a esse respeito, indicar o meu texto “Les nouvelles Lumières et l’attitude voltairienne chez Nietzsche”, publicado na coletânea, onde também publica Métayer, organizada por Sébastien Charles & Stéphane Pujol sob o título *Voltaire philosophe: regards croisés*. Paris: Centre International d’étude du XVIIIème siècle, 2017, pp. 263-271.

clássicas (ver nota 21 da “Introdução”). O volume é organizado em duas partes, ambas apresentadas em ordem cronológica: uma primeira para os poemas publicados por Nietzsche ou preparados por ele para a publicação – esses todos já disponíveis em português – e uma segunda para aqueles que o poeta manteve ou quis manter afastados da leitura pública – e aos quais nós lusófonos temos acesso bastante restrito. Da primeira, destacam-se, por suas extensões, os grupos organizados pelo próprio Nietzsche “Brincadeira, astúcia e vingança” e “Canções do príncipe Vogelfrei” e publicados em *Gaia ciência*, bem como “Ditirambos de Dionísio”, preparados pelo poeta para publicação. Já a segunda parte é dividida, por sua vez, em seções temporais: “Poemas de juventude (1854-1870)”, com a gigantesca maior parte de seus poemas, escritos desde sua infância até que o poeta se tornasse professor universitário; “Poemas dos anos 1871-1882”, com produções do que se convencionou entender como as primeira e segunda fases da filosofia nietzschiana; “Poemas da época de *Assim falava Zaratustra* 1883-1885”, que acompanha o término da segunda fase e sua transição para a última, mais especificamente a sua tão conhecida obra em prosa-poética; “Últimos poemas e fragmentos poéticos 1885-1888”, que compreende a última e derradeira fase de seu pensamento, a sua filosofia “madura”. A visão de conjunto que assim se oferece é certamente importante para os estudos Nietzsche, mas como lembra o tradutor, para eles a importância da edição é ainda maior, porque, graças à comparação da edição crítica com os manuscritos e com edições mais antigas como a de Mette, Koch e Schlechta, vários acertos teriam se mostrado necessários (ver “Introdução”, pp. xviii-xix).

Se todas as traduções são sempre muito arriscadas, as de poemas, como se sabe, são ainda mais. Métayer tem consciência de tal risco e a opção pela publicação bilíngue mostra a honestidade própria àquele que deseja compartilhar conhecimento. Como explicado em sua introdução (ver pp. xxii-xxiii e pp. xxvi-xxvii), a estratégia adotada é a de tentar preservar, na medida do possível, a forma dos poemas, isto é, sua musicalidade, sua métrica e suas rimas; e isso sem fazer perder seu conteúdo – o que exigiu, como é evidente, muito suor do tradutor. Assim, pretendeu-se evitar toda “teleologia filosófica”, pela crença na indissociabilidade “filosófica e poética” da produção nietzschiana, tudo com o que concordamos. Enfim, “o prosador Nietzsche é capaz de convocar as potências poéticas do verbo à serviço de um pensamento que procura se situar alhures que na tradição da prosa puramente racional e tradicional do tratado ou mesmo do ensaio” (p. xxiii. Ver também p. xxx). A esse respeito, nada mais a dizer.

Sobre os poemas nietzschianos, contudo, permito-me alguns breves comentários. Como é costume, cada poema se oferece às mais variadas interpretações e cada leitor destaca aqueles que lhe mais fazem sentido. Para cada leitor, alguns têm beleza formal, outros mais força filosófica e outros nenhuma importância de qualquer tipo – o que pode ser bem frequente. Não há, portanto, como tirar de cada leitor esse posicionamento e essa escolha pessoais. Entretanto, quero oferecer a pequena seleção que se segue, com o que findo esse convite à leitura. Nos versos a seguir, se vê indiretamente a defesa da gaia ciência, da doura ironia voltairiana, das brincadeiras e astúcias; defesa própria a um gênio humanista que busca a verdade, não tristemente à maneira escolástica, mas explorando toda a extensão e a musicalidade que a linguagem permite para compartilhar sabedoria. É, assim, que o riso é elogiado, bem como o silêncio; e é assim também que a razão e a verdade são relacionadas ao peso e à seriedade:

Schön ist's, mit einander schweigen, Schöner, mit einander lachen, – [...] Macht' ich's gut, so woll'n wir schweigen; Macht, ich's schlimm –, so woll'n wir lachen [...]	C'est beau, de se taire entre soi Mais plus beau entre soi de rire, – [...] Si j'ai bien réussi, nous préférons nous taire; Si j'ai mal réussi – nous préférons en rire, [...]
--	--

(*Humano, demasiado humano*, Entre amigos, um epílogo)⁴

Ich wohne in meinem eignen Haus, Hab Niemandem nie nichts nachgemacht Und – lachte noch jeden Meister aus, Der nicht sich selber ausgelacht.	Je vis dans ma propre Maison De personne jamais ne fis contrefaçon Et de tout maître j'ai bien ri Qui n'a pas su rire de lui.
---	--

(*Gaia ciência*, epígrafe)⁵

Vernunft! Verdriessliches Geschäfte! Das bringt uns allzubald an's Ziel!	Raison! Ô triste activité! Cela mène au but bien trop tôt!
---	---

(*Gaia ciência*, Canções do príncipe Livrepássaro, “No sul”)⁶

Tanze nun auf tausend Rücken, Wellen-Rücken, Wellen-Tücken –	Danse à présent sur mille dos, Dos de flots et ruses de flots –
---	--

⁴ Segundo a tradução de Paulo César de Souza: “É belo guardar silêncio juntos / Ainda mais belo sorrir juntos – [...] Se fiz bem, vamos manter silêncio; / Se fiz mal – vamos rir então [...]”.

⁵ Segundo a tradução de Paulo César de Souza: “Vivo em minha própria casa / Jamais imitei algo de alguém / E sempre ri de todo mestre / Que nunca riu de si também”.

⁶ Segundo a tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho: “Razão! Trabalho pesado e ingrato! / Que vai ao alvo e chega tão cedo!”.

Heil, wer *neue* Tänze schafft!
Tanzen wir in tausend Weisen,
Frei – sei *unsre* Kunst geheissen,
Fröhlich – *unsre* Wissenschaft!

Vive l’auteur de *neuves* danses!
Dansons donc de mille façons,
Libre – que *notre* art ait ce nom,
Gaie – soit le nom de *notre* Science!

(Ibidem, “Ao Mistral”)⁷

Takt als Anfang, Reim als Endung,
Und als Selle stets Musik:
Solch ein göttliches Gequiek
Nennt man Lied. Mit kürzrer Wendung,
Lied heißt: „Worte als Musik“.

Rythme au début, rime pour finir,
Et pour âme toujours la musique:
Ce gazouillement angélique
S’appelle un chant, ce qui veut dire:
« Les mots comme musique ».

Sinnspruch hat ein neu Gebiet:
Er kann spotten, schwärmen, springen,
Niemals kann der Sinnspruch singen;
Sinnspruch heißt: „Sinn ohne Lied“. –

La sentence a une autre portée:
Elle peut railler, divaguer, bondir,
Jamais une sentence ne saurait chanter;
« Le sens sans le chant », c’est ce que sentence
veut dire.

Dar ich euch von Beidem bringen?

Puis-je vous offrir l’un et l’autre mêlés?

(“Cantos e sentenças”, Fragmento póstumo 19[13] da primavera de 1882)⁸

⁷ Segundo a tradução de Paulo César de Souza: “Dança agora sobre mil dorsos, / Dorsos de ondas, malícias de ondas – / Salve quem novas danças cria! / Dancemos de mil maneiras, / Livre – seja chamada a nossa arte / E gaia – a nossa ciência!”.

⁸ Proponho: “Ritmo no início, rima no final, / E para a alma sempre a música: / Esse ruído angelical / Se chama canto, o que indica: / “Palavras como música”. // A sentença tem outro ponto: / Ela pode brincar, divagar, saltar, / Nunca uma sentença saberia cantar; / Sentença quer dizer ‘O sentido sem o canto’. // Posso uma e outra juntas te dar?”.